

Falar sobre Sílvia mobiliza muitas lembranças e afetos. É uma tarefa difícil, pois a saudade se expressa.

Conheci a Sílvia em 1977, quando estive no Programa de Pós para convidá-la a participar do II Encontro de Psicologia na UEL, onde eu cursava o quarto ano da graduação e participava do Diretório Acadêmico, organizador do evento. Em Londrina já tínhamos recebido notícias das importantes mudanças que ocorriam na Psicologia Social da PUCSP e o nome da Sílvia foi lembrado. Por isso queríamos que ela fosse para lá contar um pouco desse processo. Desde essa experiência me chamou a atenção o modo atencioso como ela nos tratou e nos acolheu. Infelizmente a sua ida naquele momento não foi possível, mas a partir da conversa que minha colega e eu tivemos com Sílvia, decidi que era ali, naquele programa que eu gostaria de fazer o meu mestrado.

Fiz o mestrado e o doutorado com orientação da Sílvia e as agradáveis experiências e intenso aprendizado ocorreram o tempo todo, nas mais diferentes atividades realizadas durante esse período, em disciplinas cursadas, orientações individuais, participação e organização em eventos, em situações mais informais etc, formando um forte vínculo que ultrapassou os limites acadêmicos. Em todo o período que tive com Sílvia pude vivenciar muitas experiências gratificantes com ela. Foi um período longo e intenso, de muita aprendizagem, muitas trocas e desafios compartilhados em alguns momentos. Ela participou de vários eventos que fizemos pelo Núcleo Bauru da ABRAPSO.

Ela era simples, sem qualquer arrogância comum aos acadêmicos. Era muito generosa com seus orientandos, convidando-os para participar de eventos ou escrever algum material conjunto.

Uma das experiências mais impactantes, que marcou e ainda marca toda a minha experiência acadêmica, foi a participação no grupo de pesquisa e o modo como ela o conduzia. Era um espaço de estudos onde tínhamos acesso a referências difíceis de encontrar,

já que naquele momento não tínhamos internet, ou dificuldades de apropriação teórico-metodológica. Foi assim que tive a oportunidade de entrar em contato com referências fundamentais da psicologia concreta que se transformaram na minha base epistemológica. Em 1979 já conheci os escritos de Luria e nos anos seguintes os de Leontiev e Vigotski. Foi também no grupo que Sílvia contava dos encontros que tinha com os psicólogos sociais da América Latina como Maritza, Mário Golder, Martín-Baró, entre outros. Contava-nos também do projeto coletivo de Psicologia Social em andamento. Ao mesmo tempo era o lugar de compartilhar nossos projetos e obter a colaboração de Sílvia e dos outros colegas. Lembrome nitidamente desses momentos compartilhados com pessoas queridas com quem mantive contato até hoje. As ideias circulavam e eram debatidas e respeitadas. Exercitávamos técnicas de análise, buscando coerência entre elas e a teoria, fazíamos reflexões sobre o momento político no país e as mudanças que começaram a ocorrer a partir do processo de abertura.

Ela nos indicava professores e disciplinas em outros programas que podiam nos ajudar no aprofundamento teórico na perspectiva marxista. Foi assim que pude ter contato e aprender muito com Otávio Ianni e Florestan Fernandes.

Toda essa experiência me ajudava a entender a realidade da Zona Sul e os mais diversos movimentos sociais que ali se organizavam, região onde estava inserida como moradora, trabalhadora e militante. Tudo se articulava tranquilamente, o que eu vivenciava e aprendia no cotidiano da região e o que estudávamos e discutíamos no grupo da Sílvia.

Em 79, quando a ABRAPSO foi gestada, naquele encontro no final de outubro na PUC, foi bonito vê-la enfrentando Aroldo Rodrigues, naquele momento presidente da Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO), deixando claro que a Psicologia Social brasileira estava mudando e que não adiantava ele esperar, bater o pé e sair emburrado, como ele fez durante a abertura do evento.

Foram muitos encontros da ABRAPSO compartilhados, regionais e nacionais, espaços em que ela transformava-se, sempre muito alegre e ativa, contagiando a todos. Dava para perceber que não importava onde o evento acontecia, ela se sentia em casa. Era seu espaço.

Penso que nosso papel é seguir em frente com seus ensinamentos e seu exemplo, mantendo-a viva com uma postura crítica e ativa diante de tantas iniquidades, exploração e opressão.